



SELF-INTERPRETING ANIMALS: UMA INQUIRIRÃO PRAGMÁTICO- EXPRESSIVISTA SOBRE AS *INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS* DE WITTGENSTEIN

Osvaldino Marra Rodrigues¹

Resumo: Este artigo tem como pressuposto a tese que as *Investigações Filosóficas* de Ludwig Wittgenstein constituem o primeiro ensaio na filosofia analítica da linguagem particularmente representativo de uma visão pragmático-expressivista, no sentido estrito. Este pressuposto está fundamentado nas leituras sobre as obras de Richard Rorty e Charles Taylor.

Palavras-chave: Wittgenstein, expressivismo, pragmatismo, analítica da linguagem, holismo contextual, conhecimento.

Abstract: This article has as suppose the thesis that the *Philosophical Investigations* of Ludwig Wittgenstein constitute the first essay in the analytical philosophy of language particularly representative of a pragmatic-expressivist vision, in the strict sense. These suppose is based on the readings on the works of Richard Rorty and Charles Taylor.

Key words: Wittgenstein, expressivism, pragmatism, analytic of language, contextual holism, knowledge.

INTRODUÇÃO

Certa vez fiz uma pergunta a um renomado professor: “quais, segundo sua opinião, as principais obras filosóficas do século XX?” Sua resposta, quase imediata: “*Ser e tempo*, de Martin Heidegger, e *Tractatus Lógico-Philosophicus*, de Ludwig Wittgenstein”. A resposta, vinda de um reconhecido hegeliano, me alegrou: como professor de Epistemologia, no Instituto Superior de Educação Ivoti (ISEI, RS), Ludwig Wittgenstein², Martin Heidegger e Maurice Merleau-Ponty, constituíram autores básicos do ementário do curso. Estes filósofos apresentam argumentos no mínimo desconcertantes à tradição epistemológica, dadas as suas críticas aos dualismos: mente/corpo, teoria/realidade, internalismo/externalismo etc. Mas, embora surpreendente a resposta do professor, cabe ressaltar que o cânon da filosofia não se estabelece em período tão exíguo: na

¹ Mestrando em Filosofia/UFPI.

² Para as citações neste artigo adotamos a seguinte notação para as obras de Wittgenstein: IF (*Investigações Filosóficas*); TLP (*Tractatus Lógico-Philosophicus*).

história do pensamento filosófico há aqueles que adquirem tremenda expressão num dado momento e, posteriormente, são quase ignorados. Todavia, as obras Martin Heidegger e Ludwig Wittgenstein continuam sendo inquiridas por tendências diversas e com consideráveis influências sobre elas. Agora, o interessante em Wittgenstein: sua filosofia não teve a mais abrangente influência no cenário filosófico do século XX. Sua tese de que a filosofia não é teoria, mas atividade, não adquiriu o consenso de uma parcela substancial da comunidade dos filósofos analíticos, menos ainda no meio não-analítico, que recebeu um influxo muito maior de Frege e Russell, para os quais há, sim, problemas na filosofia³. Ora, se o conceito estrito de análise significa dissolução, separação e decomposição de problemas, não estaria correta a afirmação de Wittgenstein?:

Der Zweck der Philosophie ist die logische Klärung der Gedanken.
Die Philosophie ist keine Lehre, sondern eine Tätigkeit. Ein philosophisches Werk besteht wesentlich aus Erläuterungen.
Das Resultat der Philosophie sind nicht »philosophische Sätze«, sondern das Klarwerden von Sätzen.
Die Philosophie soll die Gedanken, die sonst, gleichsam, trübe und verschwommen sind, klar machen und scharf abgrenzen.⁴

Por conseguinte, podemos pressupor que a importância de um filósofo não depende de seguidores fieis, mas pelas questões que influenciam pensadores que passam a nortear as discussões no cenário filosófico. Se o critério for este, Wittgenstein parece estar despontando no cânon filosófico. Apenas a título de curiosidade: Davidson, Kripke, Rorty, Taylor. Por outro lado há, infelizmente, certa precariedade e vulgarização da filosofia de Wittgenstein. Certa vez ouvi o prof. Baltazar Barbosa, morto em 2007, um dos pioneiros sobre o estudo do pensamento do austríaco no Brasil, afirmar que os estudos sobre a filosofia wittgensteineana estariam *degringolando* para uma espécie de jargão, tamanho os abusos cometidos sobre o espólio do pensamento de Wittgenstein. Como este escreveu numa forma nada convencional, torna-se mais fácil extrair qualquer coisa de sua obra, descontextualizando suas teses – se é que, e este é outro problema, se pode falar de *unidade* na vasta obra escrita, mas não publicadas, do vienense⁵. Sobre Wittgenstein podemos dizer que passou a vida inteira a lutar contra e com a linguagem, pois é por meio desta que o ser humano pertence e constitui o mundo especificamente humano. Dentre as questões que perturbaram o vienense está o problema da verdade. Sua última obra, *Sobre a certeza*, concluída poucos dias antes de sua morte, ocorrida em 1951, insiste na tese de que não é possível fundamentar uma verdade *a priori* ou

³ Russel, por exemplo, publicou um livro em 1912, cujo título é, justamente, *The Problems of Philosophy*.

⁴ TLP 4.112: “A finalidade da filosofia é o esclarecimento lógico dos pensamentos. A filosofia não é uma teoria, mas uma atividade. Uma obra filosófica consiste essencialmente em elucidações. O resultado da filosofia não são “proposições filosóficas”, mas é o esclarecimento das proposições. Cumpra à filosofia tornar claros e delimitar precisamente os pensamentos, antes como que turvos e indistintos.”

⁵ Apenas o TLP, concluído em 1918 no front de guerra, foi publicado, em 1922, e com dificuldade, diga-se de passagem. Aliás, foi o TLP que originou a “virada lingüística” que caracterizou a filosofia do século XX, direcionando a investigação e a metodologia filosóficas para a análise lógica da linguagem.

prospectiva que determine de forma absoluta a condição humana. O que temos, no máximo, é a possibilidade de uma crença justificada. Este tópico teve uma influência posterior considerável. Donald Davidson, por exemplo, afirmou a importância do tema apresentado por Wittgenstein sobre o estreito vínculo entre linguagem e nossa concepção de verdade:

Alguém que tem uma crença sobre o mundo – ou qualquer outra coisa – deve apreender o conceito de verdade objetiva, do que é o caso independente do que ele ou ela pensa. Nós devemos perguntar, portanto, pela fonte do conceito de verdade. Wittgenstein nos coloca na esteira da única possível resposta a esta questão, tenha sido, ou não, o seu problema tão amplo quanto o nosso; e tenha ele acreditado, ou não, em respostas a problemas filosóficos. A fonte do conceito de verdade objetiva é a comunicação interpessoal. O pensamento depende da comunicação. Isto se segue tão logo supusermos que a linguagem é essencial ao pensamento, e se concordarmos com Wittgenstein que não é possível haver uma linguagem privada. O argumento central contra linguagens privadas é que, a menos que uma linguagem seja compartilhada, não existe maneira de distinguir entre usar a linguagem corretamente e usá-la incorretamente; apenas a comunicação com um outro pode fornecer uma verificação objetiva. Se apenas a comunicação pode fornecer uma verificação do uso correto das palavras, apenas a comunicação pode prover um padrão de objetividade em outros domínios, pelo menos de acordo com como eu argumento. Nós não temos razões para atribuir a uma criatura com a capacidade de fazer a distinção entre o que é pensado como sendo o caso e o que é o caso, a menos que a criatura tenha o padrão fornecido pela linguagem compartilhada; e sem essa distinção não há nada que possa ser claramente chamado de pensamento. Na comunicação, o que um falante e seu intérprete devem compartilhar é um entendimento sobre o que o falante quer dizer com o que ele fala.⁶

Por isso mesmo, uma perspectiva holista parece ser o cerne do argumento contido no princípio que norteia o método dos “jogos de linguagem”, porquanto estes se caracterizam pela multiplicidade e dinâmica, pois novos jogos surgem e outros desaparecem no processo dinâmico da linguagem. Esta, portanto, somente pode ser compreendida a partir das “formas de vida” (*Lebensform*), das atividades das quais somos *agentes engajados* (engaged agency). Por conseguinte, a importância de Wittgenstein para a filosofia reside precisamente nesses elementos de reflexão que incitam o reposicionamento de questões tão caras à condição humana, como o conhecimento, a verdade, a antropologia, a psicologia, só para citar alguns pontos que foram objetos, mesmo que indireto, de um homem cuja vida é um exemplo de alguém que viveu para a reflexão filosófica.

1. WITTGENSTEIN: ABORDAGEM PRAGMATISTA-EXPRESSIVISTA – ELUCIDAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS.

Adotamos neste artigo o pressuposto que as *Investigações filosóficas* de Ludwig Wittgenstein constituem o primeiro ensaio na filosofia analítica da linguagem particularmente representativo de uma visão pragmático-expressivista, no sentido estrito. Como o título procura indicar, nossa proposta de inquirição tem um recorte teórico-metodológico determinado sobre a leitura de Wittgenstein, que leva em consideração duas abordagens contemporâneas nos estudos sobre a linguagem: a expressivista e a pragmática. Estes pressupostos darão sustentação ao

⁶ Davidson, Três variedades de conhecimento, pp. 3-4.

desenvolvimento do artigo. Ressaltamos, todavia, que nossa abordagem pragmatista está vinculada a uma determinada leitura, a de Richard Rorty; e a expressivista, à de Charles Taylor. Por conseguinte, alguns conceitos-chave de Wittgenstein, recebem elucidações proficuas destes dois filósofos. Das intervenções de Richard Rorty, a questão da verdade e dos “jogos de linguagem”; de Charles Taylor, sobretudo o conceito de *Lebensform*. Ressaltamos que os respectivos conceitos são centrais na configuração teórica das IF: “Das Wort ‘Spraschspiel’ soll hier hervorheben, daß das Sprechen der Sprache ein Teil ist einer Tätigkeit, oder einer Lebensform.”⁷ Quanto ao conceito de *Self-interpreting Animals*, retirado do título de um artigo de Taylor⁸, procura salientar a incontornável condição constitutiva da condição humana: a linguagem. Tanto o expressivismo quanto o pragmatismo são correntes da filosofia da linguagem que apresentam bons argumentos que se opõem às tradições racionalista, empírica ou transcendental da filosofia em suas diferentes manifestações. De acordo com Rorty, por exemplo, o embate entre o racionalismo e o empirismo “produziu a noção cartesiana de idéias como aparências no palco de um teatro interno, tanto quanto a abordagem lockeana de palavras como signos de tais idéias.”⁹ Por conseguinte, defendemos a hipótese que a modernidade instituiu uma antropologia centrada na pressuposição teórica do sujeito idealmente desprendido¹⁰, como se as condições de inteligibilidade fossem propriedades das mentes particularizadas dos agentes humanos, permeadas pela “adoção de uma teoria, ou pelo menos de uma suposição, a respeito de como as coisas funcionam.”¹¹ Nesse aspecto, a epistemologia moderna pressupõe ser possível ir ao cerne e fundamentar o conhecimento prescindido da nossa compreensão nunca-plenamente-articulável da vida e da experiência humana. Portanto, as articulações teóricas da epistemologia moderna pressupõem um quadro epistêmico hipotético do agente humano desprendido, resultando em uma concepção dominante do agente pensante moldado por uma espécie de ontologização do processo racional, entendido como componente da própria constituição da mente, feito parte de sua estrutura mesma. A concepção exemplar do sujeito monológico desprendido, o pressupõe “livre e racional na medida em que se distingue plenamente dos mundos natural e social, de modo que sua identidade já não deve ser definida em termos do que está fora

⁷ IF, § 23. “A expressão *jogo de linguagem* deve aqui realçar o fato de que falar uma língua é uma parte de uma atividade ou de uma *forma de vida*.”

⁸ Cf. Taylor, 1985, p. 45.

⁹ Rorty, Wittgenstein e a virada lingüística, p.3.

¹⁰ Taylor, 1997, p. 210: “O desprendimento é sempre correlativo a uma ‘objetificação’, para introduzir outro termo técnico. Objetificar determinado domínio envolve privá-lo de sua força normativa para nós. Se tomarmos um domínio do ser em que até então a forma de ser das coisas estabeleceu as normas ou os padrões para nós, e adotarmos uma nova postura neutra em relação a ele, nós o objetificaremos.”

¹¹ Taylor, 1997, p. 213.

dele, nesses mundos.”¹² Portanto, o conceito de verdade produzido pelas correntes predominantes do pensamento filosófico moderno resultou numa perspectiva atomista do agente desprendido, como se este fosse capaz de estabelecer critérios de verdade a partir da primeira pessoa e, conseqüentemente, corroborando a tese de que existem algumas supracategorias *logicamente anteriores* às nossas categorias conceituais de organização da nossa experiência de mundo. Cabe ressaltar que o princípio de *anterioridade lógica* é compreendido de modo diverso em cada uma destas perspectivas teóricas: no racionalismo se trata, antes de tudo, de uma anterioridade metafísico-ontológica; na filosofia transcendental, de uma anterioridade lógico-epistêmica. Em contraposição a essas perspectivas, propomos, através de uma criteriosa leitura das IF, uma revisão dos referidos pressupostos que procuram fundamentar a noção de agente epistêmico desprendido. Contrapondo ao perspectivismo racionalista e empirista, defenderemos e sustentaremos uma tese de perspectiva holista do conhecimento que resulta numa noção do “engaged agency”. De acordo com Taylor, o expressivismo resulta numa nova perspectiva da linguagem, que tem antes algo da natureza de uma rede: participar de uma *Lebensform* implica numa perspectiva holista acerca da compreensão da condição humana. Ao resultado da crise instaurada no centro do perspectivismo do sujeito epistêmico desprendido, resultado da razão abstrata, centralizada e fundacionista que caracterizou o pensamento europeu moderno, Wittgenstein propôs a gramática e os jogos de linguagem como uma perspectiva forjada a partir das práticas sociais que, portanto, não se assentam mais em fundamentos últimos. Sustentaremos que a perspectiva apresentada por Wittgenstein nas IF resulta numa radical crítica ao pensamento até então vigente, inclusive a sua teoria constante no TLP. Seu empreendimento resulta num espanto, espanto esse percebido inclusive por ele mesmo: “A dificuldade é compreender a falta de fundamento das nossas convicções.”¹³ A perspectiva tradicional da verdade epistêmica foi radicalmente afetada pelas teses de Wittgenstein. O mais afetado foi, sem duvida, o representacionismo epistêmico resultante do racionalismo e do empirismo modernos. Já no TLP Wittgenstein apontava para a incoerência de que as teses sobre o mundo representam efetivamente como as coisas são em si: “Der ganzen modernen Weltanschauung liegt die Täuschung zugrunde, daß die sogenannten Naturgesetze die Erklärungen der Naturerscheinungen seien.”¹⁴ Uma boa exposição sobre o tema nos oferece Rorty: “nenhum de nós, anti-representacionistas, jamais duvidou de que a maioria das coisas do universo é causalmente independente de nós. O que

¹² Taylor, 1995, p. 7.

¹³ Wittgenstein, Da certeza, § 166.

¹⁴ TLP 6.371: “A concepção moderna do mundo fundamenta-se na ilusão de que as chamadas leis da natureza são a explicação dos fenômenos da natureza.”

questionamos é se elas são representacionalmente independente de nós.”¹⁵ O pronome aqui funciona também como sujeito: não há consenso de representação, e conseqüentemente o conhecimento, a não ser no plural. É interessante ressaltar que Wittgenstein não se propôs explicitamente a realizar uma análise de linguagem nas IF, pois a tarefa da filosofia consiste num processo de clarificação do sentido de nossa experiência por meio do exame do *uso* da linguagem, da clarificação das regras que tornam possível esse *uso* no contexto da *Lebensform* no qual ele se efetiva. Por isso mesmo assumimos uma perspectiva metodológica oriunda da tradição expressivista e pragmática da linguagem, ressaltando, porém, que essa opção metodológica provém, sobretudo, de algumas teses defendidas por Charles Taylor e Richard Rorty.

2. WITTGENSTEIN: DA METAFÍSICA AO PRAGMATISMO-EXPRESSIVISTA DA LINGUAGEM.

O nome central do reposicionamento da lógica no cenário filosófico foi Friedrich Ludwig Gottlob Frege, embora seu reconhecimento tenha sido tardio. De acordo com Frege, devemos traçar uma linha que demarca o sentido e o valor de verdade de uma determinada proposição (ou sentença). Procurando eliminar a influência que as palavras exercem sobre nós, formulou uma conceitografia, uma linguagem formal. De acordo com esse conceito, há, grosso modo, três passos metodológicos para o conhecimento: a) as proposições com significado possuem um conteúdo conceitual objetivo; b) o conteúdo é representado apenas de uma forma inadequada na linguagem corrente; c) é possível construir um sistema notacional no qual o conteúdo conceitual de uma proposição possa ser clara e adequadamente expresso. Ressaltamos que o lugar do reconhecimento dos componentes do sentido como elementos constitutivos de um pensamento depende da apreensão da estrutura de uma proposição que exprime esse pensamento. Frege afirma que a estrutura do pensamento deve refletir-se na estrutura da proposição que a exprime¹⁶, uma vez que sem o recurso à expressão linguística ficaríamos epistemicamente desprovidos para compreender o que se possa entender por estrutura de um pensamento. Não obstante a necessidade do recurso à expressão linguística, o procedimento teórico de Frege inverteu a “ordem normal” pelo qual a linguagem até então era vista: um meio, mero instrumento de correspondência. Na base dessa mudança está a teoria do significado, radicada na distinção entre *Sinn* (sentido, significado) e *Bedeutung* (referência, significação) das sentenças (ou proposições). Para Frege, o *Sinn* de uma sentença deve ser procurado numa instância distinta do *Bedeutung*, por conseguinte, do objeto expresso pela sentença. Portanto, haveria uma precedência

¹⁵ Rorty, 2005, p. 94.

¹⁶ É evidente a influência que esta convicção de Frege tem sobre a composição do TLP, para o qual a proposição é uma imagem (*Bild*) do pensamento que exprime.

lógica sobre, e que independe da, a semântica. Enunciados como “a neve é branca” ou “Der Schnee ist weiss”, embora superficialmente diferentes, são verdadeiras porque o *Sinn*, o portador da verdade por elas expresso, é o mesmo¹⁷. Nesse sentido, qualquer esforço de uma teoria de correspondência em lógica é inútil, pois a correspondência se mantém apenas entre dois intangíveis que nós consideramos como elementos interferentes entre a sentença alemã e a portuguesa, posto que o valor de verdade do enunciado com a verdade independe da sentença que o exprime: a verdade lógica é formal. Outra consequência da teoria fregeana do significado foi desembaraçar-se do psicologismo, pois o *Sinn* nada tem a ver com eventos mentais que porventura possam ser sugerido pela sentença. Grosso modo, a proposta ontológica de Frege comporta três domínios de entidades: as objetivas e reais (a *coisa-em-si* de Kant), acessadas de modo intersubjetivo; as subjetivas e reais, entre as quais os eventos mentais, não acessados intersubjetivamente; e as objetivas, mas não reais, como a proposição “a soma dos ângulos internos de um triângulo é 180 graus”, que são entidades atemporais e não dependem de um sujeito. O trabalho de Frege teve uma influência decisiva no “primeiro” Wittgenstein. No TLP a filosofia é um procedimento transcendental a priori. Podemos afirmar, portanto, que o TLP corrobora a tese que a linguagem tem uma estrutura lógica ínsita, cuja elucidação poderia ser possível. Por conseguinte, a elucidação desses problemas de ordem lógica clarificaria a natureza da linguagem e, conseqüentemente, erradicaria de nossas mentes os “problemas” filosóficos tradicionais. Por este motivo, sob a perspectiva TLP a “proposição é uma imagem da realidade.”¹⁸

Auf den ersten Blick scheint der Satz –wie er etwa auf dem Papier gedruckt steht- kein Bild der Wirklichkeit zu sein, von der er handelt. Aber auch die Notenschrift scheint auf den ersten Blick kein Bild der Musik zu sein, und unsere Lautzeichen-(Buchstaben-)Schrift kein Bild unserer Lautsprache. Und doch erweisen sich diese Zeichensprachen auch im gewöhnlichen Sinne als Bilder dessen, was sie darstellen.¹⁹

Em outro prisma: a estrutura efetiva da linguagem não deve ser procurada nos sinais pictóricos evidentes, mas subjacente a eles, naquilo que com eles pensamos. Por isso mesmo Wittgenstein afirma que ainda subsistem problemas na filosofia, pois “daß die Fragestellung dieser Probleme auf dem Mißverständnis der Logic unserer Sprache.”²⁰ Por este motivo, sua crítica à linguagem (Sprache) é implacável:

Die Sprache verkleidet den Gedanken. Und zwar so, daß man nach der äußeren Form des Kleides, nicht auf die Form des bekleideten Gedankens schließen kann; weil die äußere Form des Kleides nach ganz anderen Zwecken gebildet ist als danach, die Form des Körpers erkennen zu lassen.

¹⁷ Em Frege o portador do *Sinn* é o pensamento. Posteriormente, com Russell e Wittgenstein, a proposição.

¹⁸ TLP 4.01.

¹⁹ TLP 4.011: À primeira vista a proposição parece – como quando está impressa no papel – não ser uma imagem da realidade de que trata. Mas também a notação musical não parece à primeira vista ser uma imagem da música, nem a nossa notação fonética (o alfabeto) uma imagem da nossa fala. E contudo estas linguagens simbólicas provam ser, mesmo no sentido vulgar, imagem daquilo que representam

²⁰ TLP, Vorwort: “que a formulação desses problemas repousa sobre o mau entendimento da lógica da nossa linguagem.”

Die stillschweigenden Abmachungen zum Verständnis der Umgangssprache sind enorm kompliziert.²¹ Por conseguinte, a filosofia tem a ver com a linguagem, que não deve ser mais considerada um meio, mas o objeto privilegiado de análise filosófica – filosofia passa a ser sinônimo de filosofia da linguagem, pois por meio da elucidação da linguagem os “problemas” podem ser dissolvidos. Também Bertrand Russell foi fundamental. Não é gratuita a afirmação no TLP que, por mérito de Russel, “daß die scheinbare logische Form des Satzes nicht seine wirkliche sein muß.”²² Portanto, pode-se afirmar que a tarefa inicial de Wittgenstein foi relacionar entre si pensamento e realidade na linguagem. Com a assepsia propiciada pela lógica, a linguagem teria a capacidade de expressar o “como” do mundo, o que se pode saber intersubjetivamente, pois a essência lógica do mundo poderia ser apresentada e descrita. Embora Russell admitisse a existência de um mundo exterior, propôs duas formas de análise: a lógica e a metafísica. Sempre que uma forma verbal de uma sentença se revelar obscura, é necessário recorrer à lógica. Uma frase que, aparentemente simples, submetida aos critérios da lógica, apresenta-se complexa. Por exemplo, “the proposition, ‘Scott is the author of *Waverley*’”,²³ parece implicar o conceito de identidade ($a = a$). Mas, quando “substitute a description the result is not a value of the propositional function in question.”²⁴ Por isso mesmo um dos pilares teóricos de Russel é conhecido como “atomismo lógico”. Consoante essa teoria, o significado de um termo é aquilo que ele representa, ou seja, sentenças significativas devem refletir o estado de coisas do mundo. Pela análise de sentenças, o conteúdo de uma proposição simples acerca do estado de coisas pode ser declarado como verdadeiro ou falso. A tese do “atomismo” exerceu considerável influência na composição do TLP, que oferece uma leitura sobre a referida teoria: a *teoria pictórica* da representação afirma que uma proposição faz uma afirmação sobre o mundo porque contém elementos, nomes, que representam elementos da realidade. Consequentemente, uma sentença será verdadeira *sse* objetos no mundo verdadeiro forem combinados da forma como ela os retrata. Ressaltamos que o TLP foi um empreendimento teórico extremamente ambicioso. Nele, Wittgenstein afirmou, categoricamente, que tinha resolvido todos os problemas²⁵ da filosofia. Entretanto, não foi o que ocorreu. Pouco tempo depois, o austríaco apercebeu-se de que as imprecisões e generalizações dos termos da linguagem ordinária deveriam ser compreendidas da forma como se manifestam. O caráter lógico-analítico presente no TLP

²¹ TLP 4.002: A linguagem mascara o pensamento. E, na verdade, de um modo tal que da forma exterior da roupa não se pode inferir a forma do pensamento mascarado; porque a forma exterior da roupa é concebida, não para deixar reconhecer a forma do corpo, mas para fins inteiramente diversos.

²² TLP 4.0031: A forma lógica aparente da proposição não tem que ser a sua forma efetiva.

²³ Russell, 1993, p. 173.

²⁴ Ibid., p. 176.

²⁵ Leia-se, aqui, *psendoproblemas*.

paulatinamente foi esmaecendo, e Wittgenstein tornou-se mais atento à variedade e nuances do discurso comum. Em contraposição à unidade fundamental expressa pela lógica, ele passou a sugerir a extraordinária manifestação das maneiras como as expressões da linguagem podem ser usadas: existem variegadas formas de discursos, cada qual com suas regras e gramáticas próprias. Se a análise lógica da linguagem mostrou a Wittgenstein a impossibilidade de uma redução legítima entre conceito lógico e empírico, ele compreendeu que essa impossibilidade não concerne apenas a esses dois tipos, mas a praticamente a todas as maneiras pelas quais “usamos” a linguagem. Nas IF, sua obra madura de reflexão sobre o tema, ele propõe a substituição da pergunta pela *Bedeutung* (significado) pela pergunta sobre o *Gebrauch* (uso), pois se há inúmeras maneiras pelas quais “usamos” a linguagem, deve haver, portanto, vários “jogos de linguagem”, vários usos, cada qual com sua regra específica, irreduzíveis entre si. A linguagem, portanto, não é regida unicamente pela ordem lógica, mas pela social, sobretudo. Por conseguinte, a compreensão dos “jogos de linguagem” parece implicar uma expressividade e uma pragmática. É sob esta perspectiva que afirmamos que as IF constituem a primeira concepção na filosofia analítica que privilegia uma visão pragmática²⁶ e expressivista da linguagem, tanto pela tese de que o significado de uma palavra é o seu *uso* em um determinado contexto,²⁷ quanto à noção de *jogo de linguagem*,²⁸ através da qual procura definir a natureza e a função da linguagem. De acordo com as teses constantes nas IF, o significado não deve ser entendido como algo fixo, determinado, como uma propriedade inerente à palavra, ou na mente, mas como função que as expressões lingüísticas exercem em um contexto específico e com objetivos específicos. O significado, extrínseco à palavra, varia dependendo do contexto em que a palavra é utilizada e do propósito deste uso. Portanto parece que as palavras não são *usadas* primordialmente para descrever a realidade, mas para realizar algum objetivo, como fazer um pedido, dar uma ordem, fazer uma saudação, agradecer, contar anedotas, etc.²⁹ Por conseguinte, são indefiníveis, a priori, os *usos* da linguagem, e não há por que privilegiar um sobre o outro, já que dependem dos objetivos específicos daqueles que usam a linguagem: uma mesma palavra pode, assim, participar de diferentes contextos com diferentes significados.³⁰ São esses

²⁶ Rorty, afirma, em “Wittgenstein e a virada lingüística”, p. 4, que “Os wittgensteinianos pragmatistas [Rorty, no caso] acham que a verdadeira contribuição do filósofo foi a de ter formulado argumentos que antecipam, complementam e reforçam as críticas da distinção fato-linguagem de Quine e Davidson, e a crítica da idéia de *knowledge by acquaintance*. Em outra perspectiva comparar e contrastar os escritos desses últimos filósofos com os escritos das Investigações filosóficas, nos ajuda a filtrar o que é meramente idiossincrático nos escritos de Wittgenstein.”

²⁷ Cf. IF §§ 43 e 432.

²⁸ Cf. IF § 7.

²⁹ Cf. IF § 23.

³⁰ A título de curiosidade, a palavra “manga”, em Minas e Goiás, por exemplo, pode se referir a uma fruta; a uma parte de uma camisa; e a uma chuva rápida que cai inesperadamente.

diferentes contextos de uso, com seus objetivos específicos, que Wittgenstein caracteriza como *jogos de linguagem*. O uso implica a noção de que a linguagem é sempre utilizada num contexto de interação entre agentes, que a empregam com um objetivo determinado. Sob esse prisma, o antiessencialismo e antirepresentacionismo presentes nas IF rompem com os dualismos entre o que poderia ser o intrínseco e o extrínseco, de tal forma que a compreensão emerge tão somente através das teias de relações. Estas caracterizam aquilo que Taylor denomina de um pano de fundo comum – *background*: “what arises with engaged agency. It is the context of intelligibility of experience for the kind of agent. If a given kind agency is engaged in this sense, then its experience is not intelligible outside this context.”³¹ Por conseguinte, uma das consequências das teses das IF é que nada pode ser descrito intrinsecamente, como se tivéssemos um acesso privilegiado ao que poderia ser uma essência ou natureza, mas apenas relacionalmente, dado que nada pode ser conhecido a não ser na rede de relações aberta e infinitamente expansível que o *engaged agency* mantém com outros, porquanto a incontornabilidade da linguagem intermedeia as relações entre os objetos e as pessoas. Tal como os objetos não podem ser descritos em si mesmos, porquanto não temos acesso a uma possível natureza intrínseca, também a condição humana só pode ser compreendida e constituída a partir das relações estabelecidas *inter pares*. Nossa compreensão do mundo emerge do pano de fundo no qual estamos situados. Nas palavras de Taylor,

A compreensão advinda de um pano de fundo, que é por nós partilhada, e que está entrelaçada com nossas praticas e maneira de estabelecer relações, não é necessariamente algo que partilhamos como indivíduos. Isto é, ela pode ser parte de uma compreensão desse gênero de uma certa prática ou significado que não são meus porém nossos; e pode de fato ser ‘nossa’ de várias maneiras: como algo intensamente partilhado, que serve de coesão à comunidade; ou algo bem impessoal, em que apenas agimos como ‘todo mundo’. Fazer aflorar o pano de fundo permite-nos articular os modos pelos quais nossa força de adesão é não-monológica, uma forma em que a sede de certas práticas e compreensões é precisamente *não* o indivíduo, mas um dos espaços comuns intermediários.³²

Os *jogos de linguagem* (*Sprachspiel*) têm consequências, inclusive, epistêmicas, pois o “dado” não é o conteúdo de uma experiência imediata, mas oriundo das formas de vida (*Lebensform*) que tornam possível a experiência. Portanto, a dissolução da miragem denominada *Ich* tem, pelo menos, duas consequências: a) não há investigações a partir da primeira pessoa e pensar que ela nos proporciona um paradigma de certeza, pois, considerada isoladamente, o *Ich* nada nos proporciona; b) embora a distinção entre ser e parecer não exista *para mim* no momento em que contemplo minhas próprias sensações, isso só ocorre porque falo do interior de uma linguagem pública que determina essa propriedade peculiar do conhecimento da primeira pessoa. Parece, sob todos os aspectos de análise,

³¹ Taylor, 1995, p. 69: “aquilo que advém com o agente engajado. É o contexto de inteligibilidade da experiência desse agente. Se dado tipo de agente é engajado nesse sentido, sua experiência não é inteligível fora desse contexto.”

³² Taylor, 1995, pp. 76-77.

que não podemos encontrar um fundamento neutro, dado que o correto/incorreto e o verdadeiro/falso são questões que se decidem na pragmática social. Portanto, justificações são de ordem social, de pragmática social: todos que estão numa comunidade linguística, estão submetidos às suas regras epistêmicas, regras pelas quais formulamos questões, enunciamos avisos, damos ordens, expressamos emoções, ensinamos, amamos, produzimos pesquisas, formamos justificativas etc. É por esses motivos que Rorty afirmou que a “justificação não é uma questão de uma relação especial entre idéias (ou palavras) e objetos, mas de conversação, de prática social.”³³ Para Wittgenstein, a linguagem envolve consenso de ação, costumes e técnicas compartilhadas. Este parece ser o ponto nodal da idéia de holismo contextual wittgensteineano: compartilhar uma linguagem implica compartilhar uma *forma de vida*. Por conseguinte, nossos acordos são práticos, não opiniões privadas oriundas de uma hipotética primeira pessoa, mas forma de vida: “Então afirmas que é a concordância entre as pessoas que decide o que é verdadeiro e o falso?” – Verdadeiro e falso é o que os homens *dizem*; e é na *linguagem* que as pessoas concordam. Não se trata de uma concordância de opiniões, mas de formas de vida.”³⁴

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANSCOMBE, G. E. M. **An introduction to Wittgenstein's Tractatus**. 2 ed. New York: Harper Torchbooks, 1965.
- ARAÚJO, I L. **Do signo ao discurso: introdução à filosofia da linguagem**. São Paulo: Parábola, 2004.
- BRANQUINHO, J; MURCHO, D; GOMES, N G (orgs.). **Enciclopédia de termos lógico-filosóficos**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- COMETTI, J P. **A filosofia sem privilégios**. Porto: Asa, 1995.
- COSTA, C F. **Estudos filosóficos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.
- DALL'AGNOL, D (org.). **Wittgenstein no Brasil**. São Paulo: Escuta, 2008.
- _____. **Filosofia da linguagem**. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- DAVIDSON, D, “Três variedades de conhecimento”. Disponível no sítio: http://portal.filosofia.pro.br/fotos/File/davidson_tresvariedades.pdf
- DUTRA, L H A. **Pragmática da investigação científica**. São Paulo: Loyola, 2008.
- GIANNOTTI, J A. **Apresentação do mundo: considerações sobre o pensamento de Ludwig Wittgenstein**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- GLOCK, H J. **Dicionário Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- GRAYLING, A. C. **Wittgenstein**. São Paulo: Loyola, 2002.
- GRECO, J; SOSA, E (orgs.). **Compêndio de epistemologia**. São Paulo: Loyola, 2008.
- HINTIKKA, Merrill B.; HINTIKKA, Jaakko. **Uma investigação sobre Wittgenstein**. Campinas: Papirus, 1994.

³³ Rorty, 1994, p. 176.

³⁴ IF § 241.

- HACKER, P. M. S. **WITTGENSTEIN**. São Paulo: Edunesp, 2000.
- HACKING, I. **Por que a linguagem interessa à filosofia?** São Paulo: Edunesp, 1999.
- IMAGUIRE, G; SCHIRN, M. **Estudos em filosofia da linguagem**. São Paulo: Loyola, 2008.
- KENNY, A. **Wittgenstein**. 2 ed. Madrid: Alianza, 1984.
- MACHADO, A N. **Lógica e forma de vida: Wittgenstein e a natureza da necessidade lógica e da filosofia**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2007.
- MARCONDES, D. **A pragmática na filosofia contemporânea**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- MARQUES, E. **Wittgenstein e o Tractatus**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- MEYER, M. **Lógica, linguagem e argumentação**. Lisboa: Teorema, 1992.
- MONK, R. **Wittgenstein: o dever do gênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- MORENO, A R. **Introdução a uma pragmática filosófica**. Campinas: Edunicamp, 2005.
- _____. **Wittgenstein através das imagens**. 2 ed. Campinas: Edunicamp, 1995.
- OLIVEIRA, M A. **Reviravolta lingüística-pragmática da filosofia contemporânea**. São Paulo: Loyola, 1996.
- ORAYEN, R; MORETTI, A (orgs.). **Filosofia de la lógica**. Madrid: Trotta, 2004.
- PENCO, C. **Introdução à filosofia da linguagem**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- PINTO, P R M. **Iniciação ao silêncio: análise do Tractatus de Wittgenstein**. São Paulo: Loyola, 1998.
- PESCADOR, J H S. **Princípios de filosofia del lenguaje**. Madrid: Alianza, 1986.
- PORTA, M A. **A filosofia a partir de seus problemas**. São Paulo: Loyola, 2002.
- RORTY, R. **A filosofia e o espelho da natureza**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- _____. **Verdade e progresso**. São Paulo: Manole, 2005.
- _____. “Wittgenstein e a virada lingüística”. Disponível no sítio: http://portal.filosofia.pro.br/fotos/File/rorty_virada.pdf
- RUSSELL, B. **Introduction to mathematical philosophy**. New York: Dover Publications, 1993.
- SCHMITZ, F. **Wittgenstein**. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.
- SPANIOL, W. **Filosofia e método no segundo Wittgenstein**. São Paulo: Loyola, 1989.
- STEGMÜLLER, W. **A filosofia contemporânea**, vol. 1. São Paulo: EPU, 1977.
- STRAWSON, P F. **Análise e metafísica**. São Paulo: Discurso Editorial, 2002.
- TAYLOR, C. **Philosophical arguments**. Cambridge: Harvard University Press, 1995.
- _____. **As fontes do self: a construção da identidade moderna**. São Paulo: Loyola, 1997.
- _____. **Philosophical Papers**, V.1. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- THORNTON, T. **Wittgenstein: sobre linguagem e pensamento**. São Paulo: Loyola, 2007.
- WITTGENSTEIN, L. **Philosophical Investigations**. 3 ed. Oxford: Blackwell Publishing, 2003.
- _____. **Da certeza**. Lisboa: Edições 70, 1998.
- _____. **Tractatus Logico-Philosophicus**. São Paulo: Edusp: 1994.
- _____. **Tractatus Logico-Philosophicus**. London: Routledge & Kegan Paul, 1963.
- _____. **Tratado Lógico-Filosófico & Investigações Filosóficas**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.